Membros da Comissão Diretora do 3º Congresso Científico Latino-Americano (1905), Rio de Janeiro. Da esquerda para direita, em pé, Domingos Sergio de Carvalho, Deodato Cesino Villela dos Santos e José Américo dos Santos; sentados, João Barbosa Rodrigues, Henrique Guedes de Mello, Antonio de Paula Freitas e Alfredo Lisboa.

CONGRESSOS CIENTÍFICOS NA AMÉRICA LATINA:
espaços de debate, exposições e intercâmbios

Marta de Almeida*

1. Introdução

No século XIX, após os tumultuados processos de ruptura com a Espanha e Portugal, a América Latina foi palco de diversas iniciativas para o desenvolvimento das ciências, vinculadas aos sentimentos e projetos de "nacionalidade" e "civilização" que as sociedades dali deveriam alcançar. Muitas dessas iniciativas foram impulsionadas pelos governos instaurados, outras tiveram suas diretrizes movidas por empreendimentos particulares e filantrópicos de setores da sociedade civil ilustrada. Ao mesmo tempo, a Europa e os Estados Unidos se mostravam cada vez mais interessados em conhecer a região dos países latinos que, ao lado da África e Ásia, eram em geral considerados países com características "curiosas e estranhas" ao mundo "civilizado".

Aos poucos, o turbilhão das transformações que ocorriam no mundo ocidental redefinia as paisagens urbanas, acentuando-se cada vez mais o contraste entre o espaço ocupado pelo homem moderno e aquele que estava para ser conquistado, onde permanecia intacta ou quase intacta a natureza primitiva. Tais transformações se referem tanto à elaboração material da produção de artefatos – construções, monumentos, avenidas, meios de transporte, maquinários – quanto à elaboração social de representações coletivas, constituídas de ideias-imagens sobre o universo, que formavam uma visão de mundo otimista acerca dos rumos que a modernidade civilizadora seguia.

Durante o século XIX, se por um lado os países latino-americanos esforçavam-se para interagir com os centros cosmopolitas da "civilização" moderna, estes, por sua vez, mostravam-se interessados em adentrar nos enigmas da natureza tropical. As ciências, deste modo, fizeram parte deste jogo relacional muitas vezes hierarquizado, mas, sobretudo, dinâmico da produção do conhecimento a respeito das coisas e da vida na América Latina. A circulação e a difusão do conhecimento científico durante o século XIX foram peças fundamentais para a construção de um dado imaginário acerca das nações do continente latino-americano e acerca da própria ciência ali produzida.

Grande parte da intelectualidade brasileira do período evitava enquadrar o Brasil muito próximo dos demais países latino-americanos e esforçava-se para demarcar sempre o diferente, o específico da brasilidade. Um dos recursos utilizados para a construção deste diferencial foi a concepção de uma natureza brasileira exuberante e potencialmente transformadora dos destinos da nação. O Brasil possuía um riquíssimo meio físico, pouco conhecido e geralmente habitado por um povo extremamente "primitivo", que deveria ser modificado. Este imenso território deveria ser ocupado, conquistado, para garantir à nação emergente uma "unificação territorial", sendo a natureza exaltada já na simbologia nacional, através do uso do verde-amarelo (CHAUÍ, 2001).

Tais afirmações ganhavam cada vez mais o selo da cientificidade, à medida em que as expedições científicas para conhecimento, ocupação e exploração de terras eram realizadas.

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou pós-doutorado no Instituto de Estudios Peruanos, em Lima. Foi coordenadora da área de História da Ciência do MAST, onde atua desde 2004, atualmente como pesquisadora titular. É professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana (UFBA/UEFS). E-mail: marta@mast.br.

Portanto, a prática de classificação dos objetos naturais pelas chamadas ciências naturais - Botânica, Zoologia e Mineralogia -, bem como o conhecimento geográfico e antropológico sobre o meio, interferiram substancialmente nos destinos da sociedade, sobretudo no que dizia respeito à política econômica agrícola e ao imaginário social do país (DOMINGUES, 1995).

Contestar a ideia da América como terra "imatura", de natureza "inferior", e elevar os países latino-americanos ao panteão das nações "cultas" não era tarefa fácil, uma vez que a impregnação de rótulos como "atraso", "primitivismo" e "barbárie" era muito recorrente na formação dos setores intelectuais destas regiões. Por outro lado, para alguns, a crença positiva de construir uma nova realidade a partir das conquistas científicas e de compartilhar novas ideias talvez os instigasse a participar de associações científicas, de modo a assumir o sonho e a missão de aproximar as realidades adversas latino-americanas ao "progresso" alcançado pelas nações "civilizadas".

2. O papel das associações científicas

Já foi constatado por diversos estudos que o século XIX configurou-se como um período especial no que diz respeito ao surgimento de sociedades científicas das mais diversas áreas nas Américas (CAPEL, 1993). Mesmo na Europa, que já contava com um número expressivo de associações científicas concebidas em séculos anteriores (TATON, 1969; HENRY, 1998; BURKE, 2003), pode-se afirmar que o século XIX testemunhou um novo dinamismo institucional, através da sofisticação de atividades científicas desenvolvidas pelas novas sociedades, com objetivos diferenciados às precedentes.

As diversas associações científicas criadas nas Américas deram origem a suas próprias publicações e realizaram inúmeros eventos de caráter científico. Esses últimos oscilaram entre o reforço do nacionalismo, da união americana e do internacionalismo, variantes ideológicas que, longe de se excluírem, estiveram mescladas, impossibilitando muitas vezes a percepção de uma tomada de posição clara por parte dos membros envolvidos. Alerta-se para a importância de considerar as especificidades dos países ibero-americanos no que se refere ao processo de formação de suas associações científicas, tais como o contexto de emancipação e a necessidade de se obter internacionalmente o reconhecimento de que, a despeito de "jovens", tais nações também faziam parte do rol das culturas "civilizadas".

No contexto de formação das nações independentes do continente americano, é de fundamental importância uma reflexão mais aprofundada sobre o papel que estas organizações científicas tiveram na construção do ideário nacional. Nesse sentido, deve-se evitar concebê-las como espaços de pensamento homogêneo e plenamente afinado com as expectativas do poder político do Estado. Ao contrário, deve-se ter em mente que essas associações constituíram espaços de pensamento ambíguo e heterogêneo, no qual, por mais que houvesse a projeção do conhecimento científico como caminho para o chamado mundo "civilizado" europeu, sempre permaneceram os dilemas inquietantes do que deveria ser a ciência produzida nas Américas.

Nem sempre a perspectiva dos homens de ciência eram as mesmas dos homens dos gabinetes políticos. No entanto, a necessidade do diálogo entre ambas instâncias sociais foi extremamente marcante na modelação das nações emergentes. Se o Estado necessitava, por exemplo, do respaldo do conhecimento científico para o reconhecimento de suas potencialidades minerais, territoriais, vegetais, e para a solução de problemas emergenciais como o controle de doenças epidêmicas, os cientistas necessitavam criar espaços de atuação e ampliar suas relações científicas, em um meio muitas vezes adverso, pautado por prioridades político-econômicas distantes dos seus interesses. Levando-se em consideração a complexidade destas negociações, é possível estabelecer outros enfoques de interpretação que possibilitem ver o surgimento das sociedades científicas no continente americano como um processo diferenciado, marcado pelas

especificidades locais de cada região, mas também por traços semelhantes em termos de interesses e projeções científicas das sociedades latino-americanas frente ao mundo.

Mesmo havendo intensa atividade científica na América Latina ao longo do século XIX, alguns setores sociais da época, inclusive parte dos próprios cientistas, muitas vezes padeceram de baixa autoestima cultural e desconfiaram do efetivo valor que a interação científica entre países de passado colonial, carentes de recursos humanos e financeiros poderia trazer, no sentido de fazer emergir alguma produção de excelência científica no continente. Este quadro pessimista foi contestado pela prática de outros membros da esfera científica que, imbuídos de sua missão e crença no "progresso" das ciências, realizavam importantes trabalhos, insistindo na organização de associações, de periódicos e de congressos no continente latino-americano.

Em que pese a persistência, nos dias de hoje, de uma visão ainda conservadora a respeito da produção do conhecimento científico, concebido como restrito apenas aos grandes centros do mundo, há de se reconhecer o papel fundamental exercido pelo que se poderia chamar de "nova historiografia das ciências latino-americana" (SALDAÑA, 1996; CUETO, 1996, 1997; QUEVEDO, 2000; DANTES, 2000, 2001; FIGUEIRÔA, 2000; LOPES, 1998, 2001). A importância das especificidades locais já foi destacada por muitos estudos sobre diversas áreas do saber, acerca não só da produção em si como também do nível de conhecimento científico produzido na América Latina, a despeito de todas as adversidades encontradas (CUETO, 1989, 1997). Tais enfoques trouxeram importantes contribuições para se pensar a dinâmica local e relacional de se fazer ciência com os demais centros internacionais.

Muitos destes estudos dedicaram-se à história das ciências naturais, pois estas foram extremamente valorizadas no contexto nacionalista do século XIX. O conhecimento sobre as formas vivas e sua interação com a natureza tiveram estreita relação com a Medicina (EDLER, 2001, 2000; CAPONI, 2002; JEN LI, 2002), havendo presença tanto de médicos em associações científicas promovidas por naturalistas como também a presença destes nas sociedades de medicina. Nas questões de maior interesse social como as reformas urbanas, iniciativas para o aprimoramento da produção agrícola e industrial, ferrovias, obras de engenharia e demarcação de fronteiras, muitas destas organizações eram tomadas como órgãos consultivos do governo, para implementação de medidas. Ganhavam assim maior prestígio e maior poder de barganha por parte de seus membros, no sentido de ampliarem sua esfera de influência perante os pares de mesmo ofício. Com o passar do tempo incorporaram contornos de especialidade do saber.[1]

Os problemas relacionados às epidemias e ao saneamento urbano também passavam pelo crivo de alguns setores médico-científicos da época, transformando a saúde pública, aos poucos, em um campo de ciência médica aplicada e tecnologia. Os dados quantitativos relacionados ao nascimento e à morte tornaram-se mais sofisticados com os métodos de estatística demógrafo-sanitária, assim como determinados hábitos e comportamentos sociais tidos como inadequados passaram a constituir tópicos da agenda médica, forjando novas frentes de atuação ao saber médico; são os casos do alcoolismo e do tabagismo.

Diante de demandas tão complexas e diversificadas, os médicos formados nas escolas regulamentadas de ensino de Medicina começaram a se organizar de maneira mais sistemática e efetiva, demonstrando o claro interesse em regulamentar a profissão e o seu campo de atuação.

[1] Exemplos deste tipo de reconhecimento por parte dos governos na América Latina são: a Sociedad de Ingenieros de Colombia, como corpo legal consultivo, fundado em 1893; o Instituto Geográfico Argentino, desde a sua fundação, em 1879, comissionado pelo Estado a explorar e a reconhecer o território argentino; a Sociedad Geográfica de Lima, criada em 1891, com funções de estudo sobre os recursos naturais do país e apoio do governo (CAPEL, 1993, p. 412; PEREIRA, 2003, p. 35-43).

Simultaneamente, buscavam combater práticas concorrentes e irregulares de cura, ou o que chamavam de “charlatanismo”, em um movimento bastante amplo e de caráter internacional.[2]

As associações científicas tiveram um papel fundamental em atividades de produção e divulgação científicas. Seu surgimento nas Américas, durante o século XIX e primeira metade do século XX, deixa claro que o fenômeno das especializações científicas foi aos poucos transformando também o *locus* privilegiado de produção científica. Em algumas áreas, contudo, como a Medicina, a preocupação de delimitar as especificidades de sua atuação profissional pode ser encontrada já no começo do século XIX.

Sem dúvida, a realização de congressos científicos era uma das formas mais efetivas de comunicação interpares com alcance internacional, e é neste sentido que esses encontros começaram a tomar corpo também no continente americano. A comunidade de profissionais ligados à Medicina foi um dos grupos mais atuantes em termos de participação e organização desses encontros, geralmente promovidos pelas associações médicas ou sociedades de medicina. Estas últimas desempenharam um papel importante na propagação da ciência e do ideário cientificista e participaram ativamente dos congressos médicos, tanto na sua organização quanto na sua divulgação (CAPEL, 1993, p. 426-428).

O processo da especialização e profissionalização na Medicina motivou não só a criação de associações de profissionais como também fomentou a necessidade de realização de congressos específicos da área, em um momento em que o papel crescente do Estado na vida social ampliou as possibilidades de atuação dos cientistas que poderiam dedicar-se à resolução de problemas concretos. No campo da Medicina, os problemas sanitários eram prioridade. Desta forma, os congressos médicos também podem ser entendidos como uma forma de diálogo entre poderes públicos e expoentes médicos, pois tinham entre seus objetivos, além de promover a aproximação entre os profissionais médicos das Américas, divulgar resultados práticos e as deliberações de ligas internacionais, convenções, leis e regulamentos da polícia sanitária de caráter internacional, visando contribuir, deste modo, para a realização de melhoramentos das condições de vida das sociedades (BORGOÑO, 1901, p. 7-11).

3. Os Congressos Médicos e Científicos Latino-Americanos

Já foi ressaltada pela historiografia das ciências a importância de se conhecer melhor os esforços feitos para intercambiar informação científica e para estabelecer vínculos pessoais entre os pesquisadores do continente americano através da organização dos Congressos Científicos Latino-Americanos (SAGASTI, PAVEZ, 1989; ANDRADE, 2002; ALMEIDA, 2004). Iniciados em 1898 na cidade de Buenos Aires, tinham, como o próprio nome indica, a pretensão de reunir trabalhos científicos produzidos em diversas áreas. O Primeiro Congresso foi iniciativa da Sociedad Científica Argentina; já o segundo ocorreu em 1901, na cidade de Montevidéu, e contou com a participação do Brasil, através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do envio de cinco representantes.[3] Meses antes, havia ocorrido em Santiago o Primeiro Congresso Médico Latino-Americano (CMLA), iniciativa da Sociedad Medica de Chile. Em 1904, Buenos Aires deu continuidade à série, recebendo o Segundo Congresso Médico Latino-Americano. Um ano depois, em 1905, ocorria o Terceiro Congresso Científico Latino-Americano no Rio de Janeiro, sede também do Quarto Congresso Médico Latino-Americano, este último em 1909. O Terceiro Congresso Médico

[2] Na Europa, uma liga internacional contra o charlatanismo foi formada em 1905; dez anos depois, em 1925, já contava com mais de 200 países (GELFAND, 1993, p. 1136).
[3] Manoel Victorino Pereira (médico), Alfredo Lisboa (engenheiro), João Barbosa Rodrigues (botânico, diretor do Jardim Botânico), Manoel Álvaro de Souza Sá (jurista), Domingos Sergio Carvalho (engenheiro, professor do Museu Nacional). Conferir em: ANDRADE, 2002, p. 38.

Latino-Americano havia ocorrido em Montevidéu, em 1907. Em 1909 teve lugar o Quarto Congresso Científico Latino-Americano, em Santiago. Em 1913 foi a vez de Lima sediar o evento, junto ao Quinto Congresso Médico Pan-Americano. Percebe-se que há uma alternância de locais para tais eventos, embora todos se concentrassem no cone sul do continente.

Segundo seu regulamento geral, os Congressos Médicos Latino-Americanos tinham como finalidade básica alcançar cinco objetivos: contribuir para o avanço das ciências médicas, estimulando os estudos e investigações pessoais; possibilitar o exato conhecimento de todas as questões relacionadas com as ciências cuja resolução interessasse às nações latino-americanas; favorecer a adoção de medidas uniformes para a defesa sanitária internacional, de acordo com os meios a seu alcance; criar e manter vínculos de solidariedade entre as instituições, associações e personalidades médicas da América Latina, fomentando o intercâmbio intelectual; e garantir como exclusivamente científicos seus fins.[4]

Podiam participar, de início, os médicos e cirurgiões de qualquer universidade americana, naturalistas, químicos, farmacêuticos e dentistas. Para o Segundo Congresso Médico Latino-Americano, ocorrido em 1904, esta lista foi estendida aos engenheiros e arquitetos sanitários, aos demógrafos e veterinários.

Grande parte dos componentes das comissões organizadoras eram membros de repartições públicas de saúde ou de instituições acadêmico-científicas. No Primeiro Congresso Médico Latino-Americano houve um esforço declarado em envolver os setores mais representativos das ciências no Chile, bem como as autoridades públicas diretamente ligadas às questões da Medicina. Em todos eles percebe-se a atuação de professores das principais Escolas de Medicina bem como de membros das repartições sanitárias dos Estados, indicando que os Congressos Médicos Latino-Americanos foram assumidos por alguns de seus membros como atividades das instituições envolvidas e enquanto oportunidade para fortalecer o *status* institucional e profissional dos médicos.

As seções científicas se organizavam basicamente nas seguintes áreas de conhecimento:

- Nos Congressos Científicos Latino-Americanos: Matemática pura e aplicada, Engenharia, Ciências Físicas, Ciências Naturais, Ciências Médicas e Cirúrgicas, Medicina Pública, Ciências Antropológicas, Ciências Jurídicas e Sociais, Ciências Pedagógicas, Agronomia e Zootecnia (ANDRADE, 2002, p. 91).

- Nos Congressos Médicos Latino-Americanos: Anatomia, Bacteriologia, Parasitologia, Cirurgia, Obstetrícia e Ginecologia, Medicina Interna, Pediatria, Higiene, Climatologia e Demografia, Neurologia, Psiquiatria, Medicina Legal, Oftalmologia, Rinologia, Laringologia, Dermatologia, Química, Historia Natural, Farmacologia, Odontologia, Engenharia Sanitária (ALMEIDA, 2004, p. 49).

A presença das principais autoridades foi constante nos congressos médicos, inclusive de presidentes, ministros, diplomatas, embaixadores, além de expoentes da alta sociedade, ilustrando claramente o prestígio político e social que a Medicina gozava naquele período. Na abertura do Primeiro Congresso Médico Latino-Americano, a principal autoridade chilena que esteve presente, além de outros ministros, foi Francisco J. Herboso, ministro de Instrução Pública, representante da Presidência da República e que fez o discurso inaugural. Por ocasião do Segundo Congresso Médico Latino-Americano, em 1904, estiveram presentes o presidente da República Argentina, os ministros de Instrução Pública e de Relações Exteriores, o intendente municipal Alberto Casares,

[4] Note-se que, apesar de explicitados, tais objetivos apareciam aleatoriamente nos diversos discursos dos membros aderentes aos congressos anteriores. Somente no 3º Congresso é que foram publicados como Regulamento Geral (TERCER CONGRESO MÉDICO..., 1908, p. 11).

além de vários ministros diplomáticos europeus e de nações latino-americanas.[5] No caso brasileiro, tanto o Terceiro Congresso Cientifico Latino-Americano quanto o Quarto Congresso Médico Latino-Americano contaram com a presença do presidente da República, do Barão do Rio Branco – ministro das Relações Exteriores –, diversos ministros de Estado, membros do Corpo Diplomático, da Casa Civil e Militar da Presidência, além de autoridades locais do Rio de Janeiro. O apoio das esferas oficiais para a efetivação dos congressos latino-americanos se dava não apenas pela presença de autoridades nas sessões de abertura e cerimoniais, mas sobretudo pelos créditos solicitados e aprovados pelos Congressos Nacionais de cada país-sede.

Apesar da significativa participação médica nestes fóruns mais amplos de reunião científica no continente latino-americano, é possível afirmar que a complexidade das ciências médicas, o processo de profissionalização e a ampliação do campo de atuação médico, fizeram com que as comunidades médicas sentissem a necessidade de um espaço próprio e especializado nas questões de Medicina e áreas afins, ou seja, percebe-se uma valorização maior por parte desses profissionais aos eventos de caráter exclusivo da Medicina. Uma manifestação significativa dessa diferenciação foi feita pelo secretário geral da comissão organizadora do Segundo Congresso Médico Latino-Americano, ocorrido em 1904, na Argentina – o médico Gregorio Araoz Alfaro –, que assim se manifestou a respeito daquela iniciativa comparada aos Congressos Científicos Latino-Americanos:

> Coube ao nosso país e à iniciativa da Sociedad Cientifica Argentina, a honra de realizar o primeiro Congresso Científico Latino-Americano que se reuniu em Buenos Aires em 1898, e cujo êxito brilhante foi a primeira e eloquente demonstração do grau considerável de adiantamento alcançado pela ciência em nossas jovens nações americanas. Mas devemos ao Chile, a essa irmã ativa e laboriosa do além dos Andes, a realização, dois anos depois, do Primeiro Congresso Médico Latino-Americano e Exposição Internacional de Higiene. **E este novo passo mais atrevido que o primeiro**, dado por nós, posto que restringe às ciências médicas exclusivamente o campo de atividade desta assembleia, foi também decisivo e fixou de um modo definitivo a forma destes grandes certames médicos, que seguirão realizando-se periodicamente, e que irão especializando-se e subdividindo-se mais e mais em cada nova reunião, seguindo assim as leis universais do moderno progresso (ALFARO, 1904, p. 35; tradução e grifo da autora).

O número de participantes dos congressos médicos era bastante expressivo, relativamente maior se comparado ao número de participantes dos congressos científicos gerais ocorridos na América Latina, na mesma época. À guisa de exemplo, cita-se o caso do Primeiro Congresso Médico Latino-Americano, de 1898, que contabilizou em torno de 494 congressistas, sendo 129 médicos (ZARRANZ, 1998, p. 102), enquanto o Quinto Congresso Científico Latino-Americano ocorrido no Rio de Janeiro em 1905 contou com a inscrição de cerca de 630 congressistas (RIBEIRO, 2002, p. 46), sendo que destes, pelo menos 201 eram médicos.[6]

Os congressos médicos mantiveram uma média de 400 participantes, chegando a reunir mais de 1.000 médicos por ocasião do evento ocorrido no Rio de Janeiro, em 1909. Mesmo assim, destaca-se a forte tradição dos profissionais médicos em participarem dos eventos científicos

[5] Observa-se que este foi um período político tenso entre Argentina e Chile, sobretudo pelas questões de fronteira não resolvidas (DONGHI, 2000, p. 292). Mesmo assim, os organizadores do 2º CMLA quiseram reforçar a imagem de fraternidade entre os dois países, lembrando com pesar a morte do médico chileno Manuel Barros Borgoño, presidente da comissão organizadora do Primeiro Congresso (SEGUNDO CONGRESO MÉDICO, 1904).

[6] Contagem feita a partir do capítulo III, "Membros Honorários e efetivos, participantes estrangeiros", do Tomo I da Terceira Reunião do Congresso Científico Latino-Americano (ANDRADE, 2002, p. 51-126).

internacionais e regionais, pois mesmo no caso dos congressos científicos, as áreas de Medicina e Higiene eram as que apresentavam um número maior de trabalhos.[7]

Em todos os congressos, houve a preocupação por parte das comissões responsáveis em publicar parcial ou integralmente os antecedentes e a organização geral do evento. Também foi prevista, ao longo dos anos preparatórios, a elaboração de uma agenda de questões mais gerais a serem debatidas por ocasião dos encontros. Em linhas gerais, os congressos científicos estavam preocupados em discutir a confecção de mapas sobre a América Latina e a produção de inventários sobre a natureza do continente, além de questões ligadas às fontes de energia, conservação das matas, projetos de navegação e traçado de ferrovias, a equivalência do ensino entre as faculdades latino-americanas, acordos sanitários internacionais, fundação de associações e ligas regionais, controle de doenças epidêmicas e endêmicas. Tais projetos e reivindicações publicados nos anais dos encontros revelam uma intencionalidade e uma crença dos cientistas envolvidos em fazer daqueles foros científicos um canal de efetiva interlocução política. O primeiro volume dos anais sempre era dedicado à publicação das preliminares do encontro; das reuniões preparatórias e sessão inaugural; dos discursos e conferências proferidas; das visitas, festas e recepções; da programação geral do evento; das sessões de votação, moções e encerramento; e da relação nominal dos participantes. Este material fornece uma visão geral do evento, que para ocorrer exigia dedicação e trabalho de alguns anos por parte da comissão organizadora e seus colaboradores. Ao mesmo tempo, funcionava como auto-referência aos trabalhos realizados, mostrando, em seus relatos detalhados, o empenho de quem organizava tais publicações. De valor inestimável ao historiador das ciências, permite também ver publicadas as resoluções e moções aprovadas nas assembleias gerais de encerramento. Nas duas séries de congressos percebe-se um movimento de esforço coletivo e cooperativo entre os países latino-americanos, permeado sempre pela tensão do maior ou menor afastamento dos Estados Unidos e mesmo da Europa.

Os congressos científicos fizeram parte de um processo mais amplo de profissionalização especializada e acadêmica. Funcionavam como espaço de divulgação das novidades com relação a teorias e práticas, tanto para aqueles profissionais já formados, como para os estudantes. Nos anais destes encontros é perceptível o grande afluxo de público espectador, sempre muito superior ao número de inscrições com trabalhos a serem apresentados, seja como monografias, comunicações, ou conferências. Nos anais também é possível acompanhar as discussões e debates entre os pesquisadores. Para estes, os congressos proporcionavam uma valiosa oportunidade de crescimento e reforço do seu *status* perante a comunidade de profissionais.

Em geral, os organizadores dos congressos científicos e dos congressos médicos na América Latina propuseram intensa programação de visitas às instituições médicas das cidades-sede. Havia a preocupação por parte da comissão organizadora em passar a imagem de que essas cidades seriam exemplares do que se poderia conseguir no continente se os conhecimentos sanitários fossem aplicados sistematicamente. E uma preocupação em tornar esse conhecimento acessível às demais comunidades médicas do continente.

O turismo científico ocorria entre uma e outra sessão científica; não se tratava de uma atividade secundária, mas efetivamente fazia parte da programação do evento. No caso dos congressos médicos, havia grande interesse dos congressistas em conhecerem as repartições sanitárias, os hospitais, os institutos de pesquisa, os parques, as estações de estrada de ferro e as melhorias urbanas da cidade que os recebia.

[7] No caso do Primeiro Congresso Científico Latino-Americano foram 53 trabalhos em Medicina, em um total de 94, representando pois 56,3% dos trabalhos apresentados. Já os trabalhos das Ciências Médicas e Higiene no Quinto Congresso Científico Latino-Americano contabilizaram 43, em um total de 112, representando 37,4% (ZARRANZ,1998, p. 102; ANDRADE, 2002, p. 104).

Assim, um importante aspecto a ser considerado a partir da análise das fontes é o de que a programação voltada para o turismo científico teve papel central na realização desses eventos. Para atingir os seus objetivos, as visitas necessitavam de uma organização prévia, similar à da programação científica propriamente dita. Havia a mobilização de diversos serviços, personagens, instituições, envolvendo diferentes setores econômicos, políticos e culturais. Neste sentido, o turismo científico não deve ser considerado um tema trivial, mas um componente essencial destas atividades científicas.

Um segundo aspecto que deve ser considerado é o de que a realização de um evento científico na capital do país implicava em um processo dinâmico de negociação entre diversos agentes sociais. Nem todos os lugares científicos eram visitados; nem todas as autoridades eram convidadas. A escolha do que era apresentado como a "vitrine" do evento e de quem poderia fazer parte dela deve ser analisada como uma estratégia política de inserção daqueles grupos intelectuais envolvidos na organização dos congressos juntos aos dirigentes, no projeto maior de modernização nacional. Ao mesmo tempo, é preciso levar em conta que as cidades-capitais que sediaram estes eventos eram espaços que experimentavam um grande processo de mudanças, em que as indústrias, as instituições científicas, os serviços e os espaços públicos estavam sendo incrementados e frequentados por distintos setores sociais. Eram cada vez mais demandados espaços públicos multiformes, sincronizados com as inovações técnicas – iluminação pública elétrica, ferrovias, bondes, telégrafos, telefones, automóveis – e com uma multiplicidade de atrações culturais. Lugares que pudessem fomentar um novo estilo de vida citadino. Os parques, as salas de teatro, os cafés, hipódromos, salões de chá, salas de concerto, cinemas, clubes desportivos foram pontos de encontro "entre estranhos" que geravam novas formas de sociabilidade (SENNETT, apud CABREJO, 2001, p. 53).

Ficava evidente o alto prestígio que os congressos científicos tinham entre as elites locais da época. As informações mais detalhadas sobre as visitas realizadas eram publicadas principalmente nas revistas e jornais de grande circulação. Nestes noticiários destacava-se a participação de setores elitizados e autoridades políticas ao lado dos cientistas e demais congressistas. Os congressos realizados no Rio de Janeiro, por exemplo, não ocuparam apenas os noticiários das primeiras páginas dos jornais como *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Brasil*, *O Paiz* e *Gazeta de Notícias*. Também foram tema de crônicas, editoriais e charges nas revistas semanais. Os jornais, por serem diários, cobriam detalhadamente a programação de cada dia e os detalhes das visitas, banquetes, concertos, festividades e homenagens. Já as revistas sintetizavam e retratavam os eventos em reproduções fotográficas (ANDRADE, 2002, p. 46-47). Tal dimensão pouco aparece nos periódicos científicos, mas é preciso reconhecer que muitas articulações de interesse científico aprovadas no final da reunião, como moções ou acordos, foram debatidos nessas ocasiões. Desta forma, entende-se que as atividades turísticas compõem efetivamente a dinâmica científica dos congressos, configurando-se como complexos espaços de representação, cerimoniais e atividades.

4. Considerações finais

A ênfase contemporânea dos estudos sociais das ciências aponta para a importância de se considerar as especificidades dos países ibero-americanos no que se refere ao processo de formação de associações científicas, tais como o contexto de emancipação e a necessidade de se obter internacionalmente o reconhecimento de que as "jovens" nações também faziam parte do rol das "culturas civilizadas".[8] Sempre houve interesse científico nas sociedades do continente,

[8] Em sua análise a respeito das discussões científicas e filosóficas em torno da constituição do continente americano, o historiador Antonello Gerbi (1996) afirmou que houve por parte dos intelectuais latino-americanos

vinculado a um contexto claramente nacionalista, em que emergiu a vontade de pôr a ciência a serviço do "progresso" e da transformação do país. Além do interesse no desenvolvimento do conhecimento científico, as sociedades científicas tinham a necessidade de mostrar o valor de sua própria cultura, muitas vezes como reação diante de juízos equivocados sobre o continente americano (CAPEL, 1993, p. 412-413).

Estudar os congressos científicos com maior dedicação pode revelar e também colaborar para interpretações acerca do desenvolvimento científico na América Latina. O envolvimento dos organizadores, dos agentes sociais locais e das instituições permite-nos observar uma trama sofisticada de sustentação do fazer científico em terras distantes dos grandes centros europeus e norte-americano, mas ao mesmo tempo, altamente conectadas com o que se produzia nestes circuitos. Através desses encontros buscavam fortalecer laços regionais e o ineditismo de pesquisas realizadas em solo latino-americano, e granjear o reconhecimento internacional por seus pares mais renomados nas diversas áreas de conhecimento.

Por último, é pertinente salientar que as pesquisas desenvolvidas no MAST vêm contribuindo significativamente para a preservação e divulgação dos materiais produzidos pelos congressos científicos. O exemplo mais expressivo refere-se à edição fac-similar digital dos doze volumes contendo as memórias do Terceiro Congresso Científico Latino-Americano, originalmente em estado de dispersão por diversas bibliotecas e instituições. Até hoje estes documentos são pouco utilizados nos trabalhos de História da Ciência. Daí a importância também da criação do grupo de pesquisa do MAST no CNPq *Congressos Científicos, Exposições, redes e internacionalismo (séculos XIX ao XXI)*,[9] voltado essencialmente para o intercâmbio de pesquisas e de pesquisadores interessados em identificar, preservar, analisar e divulgar estas e outras séries de congressos científicos realizados na América Latina.

muito mais reações hostis às teorias europeias de inferioridade da América do que propriamente polêmicas, uma vez que estas pressupõem a efetiva ocorrência de um diálogo entre os interlocutores, no caso, pensadores europeus e pensadores americanos. O historiador também destacou o fato de que houve uma maior frequência destes protestos na América durante o século XIX.

[9] O grupo foi criado em 2012 e, atualmente é liderado por mim e pela professora Maria Margaret Lopes.

Referências

ALFARO, Gregorio Araoz. Informe. In: SEGUNDO CONGRESO MÉDICO LATINO-AMERICANO. *Actas y Trabajos*. Tomo I. Buenos Aires: Imprenta y Casa Editora de Coni Hermanos, 1904.

ALMEIDA, Marta de. *Da Cordilheira dos Andes à Isla de Cuba, passando pelo Brasil:* os congressos médicos latino americanos e brasileiros (1888-1930). Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro (Coord.). *A Terceira Reunião do Congresso Científico Latino-Americano*: ciência e política. Brasília: CGEE; Rio de Janeiro: MAST, 2002.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CABREJO, Fanni Muñoz. *Diversiones públicas en Lima 1890-1920:* la experiencia de la modernidad. Lima: Red para Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2001.

CAPEL, Horacio. El associacionismo cientifico en Iberoamerica. La necesidad de um enfoque globalizador. In: LAFUENTE, Antonio et al (Eds.). *Mundialización de la ciencia y cultura nacional*. (Actas del Congreso Internacional "Ciencia, Descubrimiento y Mundo Colonial"). Madri: Doce Calles, 1993.

CAPONI, Sandra. La generación espontánea y la preocupación higienista por la disseminación de los gérmenes. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, v. 9, n. 3, 2000, p. 591-608.

CHAUÍ, Maria Helena. *Brasil*: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2001.

CUETO, Marcos. *Excelencia científica en la periferia*: Actividades científicas e Investigación Biomédica en el Perú, 199-1950. Lima: GRADE/Concytec, 1989.

_____. *Salud, cultura y sociedade en America Latina*. Lima: Ed. IEP/OPAS, 1996.

_____. Science under adversity: Latin American medical research and American private philanthropy, 1920-1960. *Minerva*, v. 35, 1997, p. 233-245.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Orgs.). *Ciência, Civilização e Império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2000. p. 225-234.

_____ (Org.). *Espaços da Ciência no Brasil (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001.

DOMINGUES, Heloisa Bertol. *Ciência, um caso de política:* As relações entre ciências naturais e a agricultura no Brasil Império. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

DONGHI, Túlio Halperín. *Historia contemporanea de América Latina*. Madri: Alianza Editorial, 2000.

EDLER, Flávio. De olho no Brasil: a geografia médica e a viagem de Alphonse Rendu. *Historia, Ciencia, Saúde: Manguinhos*, v. 3 (supl.), p. 925-943, 2001.

_____. A Medicina acadêmica imperial e as ciências naturais In: HEIZER, Alda & VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (Orgs.). *Ciência, Civilização e Império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2000, p. 97-122.

FIGUEIRÔA, Silvia (Org.). *Um olhar sobre o passado*: História das ciências na América Latina. Campinas: Ed. UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

GELFAND, Toby. The history of the medical profession. In: BYNUM, W.F.; PORTER, Roy (Eds.). *Companion Encyclopedia of the History of Medicine*. London, New York: Routledge, 1993. v. 2, p. 1119-1150.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo*: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HENRY, John. *A Revolução Científica e as origens da ciência moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

JEN LI, Shang. Natural history of parasitic disease: Patrick Manson´s Philosophical Method. *Isis*, v. 93, n. 2, p. 206-228, 2002.

LOPES, Maria Margaret. A formação de museus nacionais na América Latina independente. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 30, p. 1-30, 1998.

_____. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX. *Revista Brasileira de História*, v. 21, n. 41, p. 55-76, 2001.

PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. *Sociedade de Geografia o Rio de Janeiro*: origens, obsessões e conflitos (1883-1944). Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

PRIMER CONGRESO MÉDICO LATINO-AMERICANO. *Actas y Trabajos*. Santiago de Chile: Imprenta Barcelona, 1901. t. 1.

QUEVEDO, Emilio. El transito desde higiene hacia la salud pública en América. *Tierra Firme*, v. 18, n. 72, p. 611-662, 2000.

TERCER CONGRESO MÉDICO LATINO-AMERICANO. *Actas y Trabajos*. Montevideo: Imprenta El Siglo Ilustrado, 1908. t. 1.

SAGASTI, Francisco; PAVEZ, Alejandra. Ciencia y Tecnología en America Latina a princípios del siglo XX: Primer Congreso Cientifico Panamericano. *Quipu*, v. 6, n. 2, p. 189-216, 1989.

SALDAÑA, Juan José (Coord.). *História Social de las ciencias en América Latina*. México: Ed UNAM, 1996.

SEGUNDO CONGRESO MÉDICO LATINO-AMERICANO. *Actas y Trabajos*. Buenos Aires: Imprenta y Casa Editora de Coni Hermanos, 1904. t. 1.

TATON, René (Dir.). *A ciência contemporânea*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969. 2 v.

ZARRANZ, Alcira. Comentarios sobre el Congreso Científico Latino-Americano de 1898. *Annales de la Sociedad Cientifica Argentina*, v. 228, n. 2, p. 95-104, 1998.

Fonte da fotografia na abertura do capítulo:

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro (Coord.). *A Terceira Reunião do Congresso Científico Latino-Americano*: ciência e política. Brasília: CGEE; Rio de Janeiro: MAST, 2002, p. 40.